

RELATÓRIO DE CAMPO NO VALE DO SÃO FRANCISCO: VIVENDO DO OU VIVENDO COM O SEMI-ÁRIDO

CAROLINE BULHÕES NUNES VAZ

Discente do Curso de Geografia da UFBA

carolinevaz@hotmail.com

NOELI PERTILE

Docente do Curso de Geografia da UFBA

npertile@ufba.br; noeli.pertile@yahoo.com.br

UILLIAM DISNEI DE SANTANA LIMA

Discente do Curso de Geografia da UFBA

uilliam_lima@yahoo.com.br

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Data da saída de campo: 11 a 14 de novembro de 2009

INTRODUÇÃO

Este relatório visa mostrar as observações realizadas durante o trabalho de campo da disciplina Geografia Humana II (Geografia Agrária) na Região do vale do São Francisco e as impressões que ficaram desta viagem. O objetivo do trabalho foi proporcionar aos alunos da referida disciplina uma aproximação com diferentes realidades do campo; tendo, por base, o aporte teórico-conceitual apreendido durante o semestre letivo em sala de aula. A exemplo disso, citamos as diferentes formas de apropriação e uso do solo e a constatação da grande disparidade existente na estrutura fundiária do estado da Bahia, com a predominância da grande propriedade rural.

Durante este trabalho de campo, foram visitados alguns municípios localizados ao norte do Estado da Bahia (Ponto Novo, Juazeiro e Gavião) e outros ao sul de Pernambuco (Petrolina e Lagoa Grande) (Figura 1), todos integrantes do Semi-Árido brasileiro, numa região marcada por conflitos pela posse da terra e pela introdução de novas técnicas e tecnologias em sistemas de irrigação. Tais mudanças passam uma imagem de que o desenvolvimento só é possível através da transformação da região com grandes projetos de irrigação, devido às condições climáticas lá presentes. Em

contrapartida, encontramos o outro lado que se preocupa e compreende que o necessário é “conviver com o Semi-Árido” e não transformá-lo com intervenções dessa natureza.

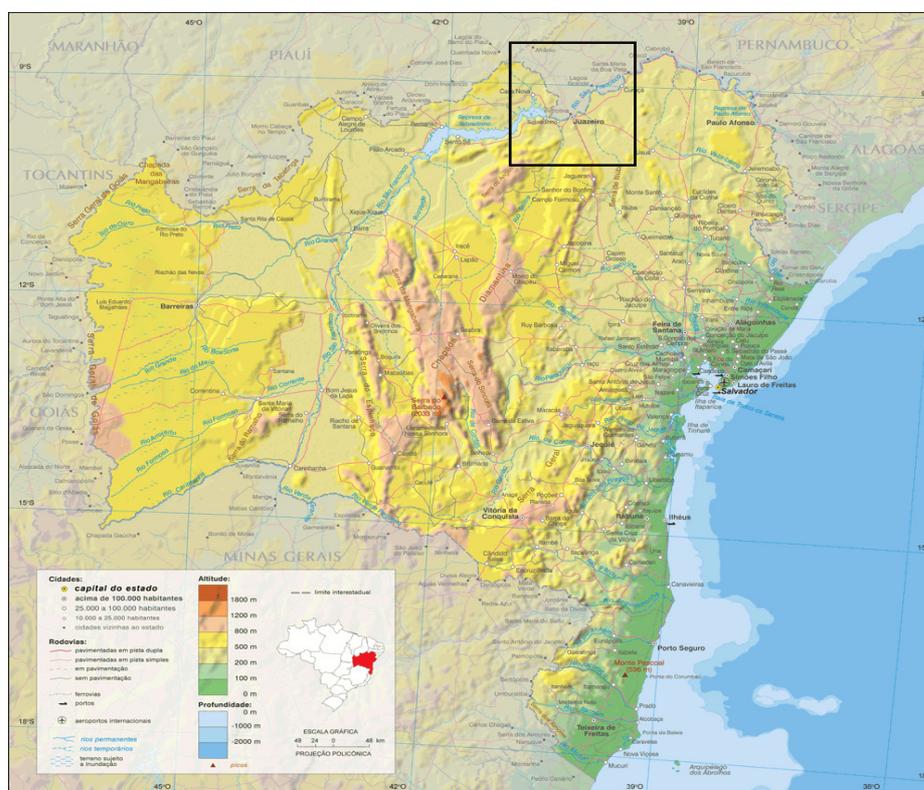


Figura 1: Mapa de localização geográfica da área visitada (em destaque). Adaptado de: http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/imagens/ba_mapa_gde.gif

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho de campo iniciou-se pela realização de leituras e debates, previamente realizados em sala de aula, com o intuito de criar uma bagagem teórica que se aplicava às diversas questões agrárias mundiais e do Brasil. Estes debates ocorreram durante todo o semestre, haja vista que a ementa da disciplina Geografia Humana II contempla temas referentes à questão agrária, tais como: o espaço (e espaço agrário) – compreendido como totalidade, estrutura fundiária, revolução agrícola, revolução industrial e o meio técnico-científico-informacional, entre outros; e as conseqüências de cada momento para a construção e transformação do espaço agrário dentro do sistema capitalista.

Além dos debates realizados durante o semestre, houve ainda uma mesa-redonda com a professora Guiomar Germani, que levou aos discentes um pouco da sua experiência de pesquisa em conflitos agrários na região do Vale do São Francisco.

A realização da viagem foi planejada pela professora Noeli Pertile, responsável pela disciplina supracitada. Ela foi responsável pela escolha dos locais a serem visitados e a duração da visita aos mesmos. Entretanto, durante a viagem foram realizadas algumas paradas não programadas, em locais que apresentavam relevância para uma melhor compreensão, por parte dos alunos, da situação agrária dos diferentes locais. Essa estratégia também teve importância no sentido de instigar os alunos a aprofundarem seu “olhar geográfico”, refletindo acerca das distintas realidades encontradas pelo caminho.

Durante todas as visitas realizadas havia representantes das organizações/movimentos visitados que respondiam aos questionamentos dos alunos e da professora. Além das informações passadas por eles, também foram feitas observações nos locais visitados, onde pudemos perceber detalhes ditos e outros não ditos pelos nossos guias, ajudando a compreender “para além da paisagem”.

Primeiro dia

No trajeto Salvador - Juazeiro foi possível perceber, a partir da paisagem, que há diferenciações significativas na organização espacial do campo. Ao sair da capital baiana, passando por sua periferia, percebemos que os moradores retiraram a vegetação natural das encostas e plantam bananeiras que, de acordo com alguns alunos, teria o objetivo de evitar a erosão das encostas. No entanto, as bananeiras possuem raízes rasas e são facilmente derrubadas por enxurradas. Ainda na saída da cidade, foi notório que existe uma variedade no plantio, com pequenas plantações de banana, laranja, milho e aipim, mas tal variedade vai se tornando cada vez menos presente no decorrer do caminho.

O primeiro trecho do percurso - onde ocorreu a primeira parada - é região da Zona da Mata, composta pela Floresta Umbrófila Densa, de árvores mais verdes e de maior porte, devido à regularidade de chuvas na região. Nela, ocorre a existência de pastagens para gado bovino de corte e a monocultura de cana-de-açúcar. Esta ocorre em grandes áreas e leva ao esgotamento do solo, por não haver uma rotação de culturas. Apesar

disso, a cana-de-açúcar, no solo Massapé, mantém sua produtividade e encontra-se presente, principalmente entre as cidades de Salvador e Feira de Santana. Durante as observações neste local, constatou-se a ausência de cercas delimitando a plantação. Áreas como aquela são características de terras devolutas no estado da Bahia. Pode-se perceber também o modo de exploração da mão-de-obra do latifundiário: a presença de bóias-frias, comuns nesse tipo de atividade agrícola no Nordeste e no Brasil, anunciava a falta de boas condições de trabalho.

Foi necessário perceber as alterações que ocorrem entre a Zona da Mata e o Semi-Árido, para posteriormente realizarmos uma comparação e uma análise entre ambas.

Chegando ao Agreste, ecótono (zona de transição) entre o semi-árido e a Zona da Mata, foi notória a mudança no solo que passou a ser mais arenoso. Já a vegetação, que era de Floresta Umbrófila Densa, cede lugar a árvores de porte intermediário, apresentando também as características de vegetação, clima e fauna que reúnem elementos dos dois ecossistemas supracitados.

Ao chegar ao Sertão, a vegetação tornou-se ainda menos densa e o solo mais seco, caracterizando a vegetação de caatinga com plantas xerófilas, herbáceas e arbustos, adaptados para resistir ao clima semi-árido da região, que apresenta menor quantidade de chuvas quando é comparada com a região da Zona da Mata. Foi possível constatar ainda a presença de pequenas áreas agrícolas cultivadas em meio às grandes propriedades. Nas pequenas propriedades, havia, geralmente, a presença de policultura, enquanto nas grandes propriedades foi marcante a presença constante da monocultura.

No Sertão baiano, foram feitas duas paradas antes da conclusão do percurso até Juazeiro. A primeira ocorreu a 9 km do município de Gavião, em um dos acampamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o Acampamento da Paz. A segunda aconteceu no município de Ponto Novo, em um acampamento do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), o chamado Acampamento Terra Nossa.

Ao chegarmos ao acampamento do MST, fomos recebidos pelo Sr. Modesto que relatou sobre a vida no acampamento. Segundo as informações concedidas pelo Sr. Modesto, o acampamento se encontra na “luta pela terra” há um ano e dois meses e é composto de 33 famílias. As pessoas que moram nesse acampamento trabalham como diaristas nas fazendas vizinhas, geralmente na produção e beneficiamento do sisal.

Aquela área é uma das maiores produtoras de sisal que é matéria-prima para a fabricação de diversos materiais como: fibras utilizadas na indústria automobilística, na produção de remédios, cordas, estofado etc. Mas o trabalho com o sisal é de caráter exploratório e perigoso, que deveras gera conseqüências graves, incluindo mutilações, principalmente dos antebraços. A exemplo disso, havia no acampamento um homem mutilado pela máquina utilizada no beneficiamento do sisal. Apesar dos acidentes, não há nenhuma melhora significativa que busque fornecer equipamentos mais seguros, roupas especiais ou quaisquer outros materiais de proteção para aqueles que trabalham com o sisal.

Neste acampamento, nós pudemos ter uma considerável avaliação da realidade no campo da área do sisal, em que os grandes são apoiados pelo governo e os pequenos agricultores são expulsos das suas terras através de grilagem¹. Conforme depoimento do Sr. Modesto, terceiros chegavam com documentos falsos e diziam ser donos das terras e os sindicatos rurais das pequenas cidades eram “comprados” pelos grandes fazendeiros para defenderem sua causa, em detrimento da dos pequenos agricultores.

Contudo, atualmente parte dessa realidade parece estar mudando; porque, pelo menos no estado da Bahia, as terras devolutas estão mapeadas e é nelas que se busca realizar as ocupações, nos explicou outro integrante do movimento. Além do mais, o Acampamento da Paz recebe apoio da Igreja Católica e da Polícia Federal - já que estão ocupando uma faixa de terra entre uma grande fazenda e uma rodovia federal (BR 324). Na Polícia Federal, ainda existe ação contra os “jagunços” que, mesmo depois de assinado um documento de não-agressão aos sem-terra, chegaram, em certa ocasião, pela madrugada, agredindo psicologicamente os moradores, ameaçando e apontando armas.

Analisando historicamente, podemos concluir que este processo de exclusão do acesso à terra tem suas origens muito distante dos dias atuais. A libertação dos escravos no Brasil, por exemplo, pensada e implantada já depois da Lei de Terras de 1850, deixou o ex-escravos sem dinheiro e sem acesso ao meio de subsistência: a terra. A Revolução Verde, por sua vez, introduziu a maquinização do campo e o uso, em larga escala, dos agrotóxicos; fazendo com que fosse dispensada e expulsa grande parte da população rural (GUIMARÃES, 1982). Estes são alguns, entre outros exemplos que poderiam ser

¹ Ato de se apropriar de terras devolutas por meio de documentos adquiridos de forma ilegal.

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 173 – 185. Florianópolis, junho de 2010.

www.geograficas.cfh.ufsc.br

citados e que nos ajudam a compreender parte da realidade do campo encontrada na atualidade, no estado da Bahia.

Seguindo nosso roteiro, o acampamento Terra Nossa, que abriga 60 famílias e recebe auxílio da Via Campesina², tem, como uma das formas de ajuda às comunidades, o compartilhamento de conhecimentos, a exemplo da técnica de bioconstrução. Esta técnica consiste na utilização de material natural, encontrado nas proximidades, para a construção das moradias. Nessa região, os materiais disponíveis e utilizados são a palha, o barro, a pedra, as madeiras etc., que tornam a construção de baixo custo. O auxílio da Via Campesina estava ocorrendo por meio de uma componente do movimento, vinda do país Basco. Segundo suas palavras, na região de onde ela provém, não há mais terra para o plantio de alimentos, mas apenas de casas (não casas no sentido literal, mas sim de casa como construção que pode ser industrial ou civil). O que denota ainda mais que a posse da terra é um privilégio, não só no Brasil, mas no mundo. No momento da visita, estava sendo iniciada a construção de uma biblioteca através da bioconstrução. A idéia do uso desta técnica é “fugir da lógica do tijolo”, no sentido de um dia alcançar a soberania alimentar e habitacional.

No acampamento, existem áreas de uso comum e individual; e a maioria dos habitantes eram antigos posseiros que perderam o acesso à terra, por não possuírem os documentos que provassem sua posse.

A região onde se encontra o acampamento faz parte de um perímetro irrigado estadual, no qual o Estado paga a energia elétrica utilizada, mas o pequeno produtor, em sua maioria, não tem acesso ao sistema de irrigação. Segundo as informações concedidas pelo MPA, o Estado ainda não terminou o projeto de irrigação para continuar o auxílio aos grandes proprietários. Neste ponto, fica notório o subsídio que o Estado dá aos grandes produtores, em detrimento ao pequeno, haja vista que, além dos fatores supracitados, nas proximidades do acampamento, existem cerca de 3 (três) mil ha improdutivos. E, ao lado do acampamento, foi possível avistar uma grande plantação de banana, contemplada com a irrigação (que foi visitada no retorno de nosso trabalho de campo). A partir desta parada, seguimos direto até Juazeiro.

Segundo dia

² Movimento que coordena organizações rurais de pequenos e médios agricultores, trabalhadores rurais e outros grupos vulneráveis do campo.

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 173 – 185. Florianópolis, junho de 2010.
www.geograficas.cfh.ufsc.br

Logo pela manhã, fizemos a pé a travessia da ponte sobre o rio São Francisco entre as cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), onde tivemos uma oportunidade excelente de observar a imponência do rio, apesar da sua degradação.

Na travessia, ficou notória a diferença estrutural entre as duas cidades: a ponte é mais larga no lado de Petrolina, nesta mesma cidade as ruas são mais largas do que em Juazeiro e a presença de prédios é acentuada no lado pernambucano da ponte. Ficou claro, devido ao grande fluxo de veículos, que as duas cidades estão ligadas não somente pela ponte, mas também por relações comerciais e residenciais.

Em seguida, nos deslocamos para a Embrapa Semi-Árido que se localizada em Petrolina e é o mais importante centro de pesquisa agropecuária do Semi-Árido. Segundo a própria Embrapa, sua missão é transferir e desenvolver tecnologia para as empresas e pequenos agricultores, mas “com foco no agronegócio”. O que ratifica tal situação é o fato de que os empresários, latifundiários, podem financiar pesquisas da Embrapa em seu próprio benefício, mas os pequenos produtores, que não apresentam recursos para tal, acabam ficando a margem do processo produtivo e, muitas vezes, sem condições de produzir até mesmo para o próprio consumo.

O discurso da Embrapa é voltado para favorecer as grandes plantações que são destinadas para a exportação, já que é interesse do Estado manter altas as exportações de frutas do vale do São Francisco, contribuindo para manter a balança comercial brasileira equilibrada. Durante a visita, foram apresentados diversos projetos que utilizam a irrigação e também o melhoramento de sementes para a produção de culturas exógenas na região do Vale do São Francisco.

A Embrapa Semi-Árido tem, como principal foco na pecuária, a criação de caprinos e na fruticultura a produção de uva e manga. Trabalhos com agricultura orgânica são feitos com manga, melão e cebola, sendo tais produtos voltados para exportação. Dentre os trabalhos realizados pela Embrapa na cultura irrigada estão inclusos: indução floral da mangueira; controle biológico (devido às exigências dos países importadores); produção de mudas de uvas para mesa sem sementes e uvas para vinhos, das quais pouco mais de 10% são para o consumo do Brasil. Além destes, existem cultivos alternativos como o caqui, pêssigo, oliveira, pêra asiática, ameixa e rambutá.

Já na agricultura de sequeiro³, o projeto da Embrapa é a barragem de lençol freático, um dos poucos projetos desenvolvidos para a pequena agricultura; contudo ainda é notório o foco no agronegócio, já que, para a Embrapa, é “lamentável que tal técnica não possa se ajustar para as grandes propriedades”.

Houve ainda uma palestra ministrada, cujo título foi: “Técnicas de Geoprocessamento aplicadas na análise sócio-ambiental do Semi-Árido Brasileiro”. Durante a palestra, foi falado sobre o projeto de um milhão de cisternas que vai beneficiar os pequenos proprietários do Semi-Árido, contudo, até novembro de 2009, apenas cerca de 400 mil cisternas haviam sido construídas. Este projeto é gerido pela Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA) e conta com o apoio financeiro do Estado.

Além dessas atividades, houve ainda uma visita ao Laboratório de Enologia, onde nos foram apresentados os trabalhos da Embrapa para a produção de vinhos, finalizando, assim, a visita a esta instituição.

À tarde, nos dirigimos para a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) e conhecemos alguns de seus projetos de irrigação, como o Projeto Salitre e o Projeto Maniçoba. Esses foram alguns dos projetos para disseminar a idéia de que o Vale do São Francisco é o “El Dourado⁴”, já que em meio a seca do semi-árido foi possível criar grandes cultivos de frutas. Ficou evidenciada a semelhança entre os discursos da Embrapa e da CODEVASF no tocante aos destinatários dos projetos sendo, mais uma vez, os grandes produtores.

Depois que saímos da sede, nos dirigimos ao distrito irrigado de Maniçoba, onde visitamos uma estação de bombeamento. De lá partiam 5 km de adutoras e 22 km de canais. Um funcionário da companhia nos atendeu durante a visita. Ao ser questionado sobre os impactos da transposição⁵ e dos projetos de irrigação, o tal funcionário nos informou que qualquer projeto tem que ser aprovado primeiramente pela ANA – Agência Nacional de Águas e que a CODEVASF não se responsabiliza por nenhum impacto causado pelos seus projetos. Além disso, o funcionário nos revelou a informação de que os responsáveis pela avaliação de impacto ambiental dos projetos da CODEVASF são

³ É a técnica agrícola de plantar em áreas onde a pluviosidade é reduzida e sem a utilização de métodos artificiais de irrigação.

⁴ Em alusão a lenda indígena sul-americana, onde um rei pintava-se de pó de ouro e banhava-se para mostrar o quão rico era. Mais tarde, depois da colonização espanhola, muitos entenderam que o El Dourado era uma região e começaram a fazer muitas buscas, mas nunca encontram sua localização. Neste caso, chamar o Vale do São Francisco de El Dourado, faz referência ao sucesso econômico vivido pela região.

⁵ Desviar parte das águas de uma bacia hidrográfica para outra.

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 173 – 185. Florianópolis, junho de 2010.

www.geograficas.cfh.ufsc.br

engenheiros civis e o corpo de profissionais responsáveis pelo projeto é composto por agrônomos e engenheiros.



Foto 1: (A) Adutora com 5 km de extensão que deságua em um canal de irrigação de 22 km de extensão, visitada no 2º dia do trabalho de campo. (B) Canal de irrigação visitado no 3º dia do trabalho de campo. Ambos são geridos pela Codevasf. **Fotos:** Uilliam Lima.

Como pode ser observado na foto 1, a quantidade de água extraída do Rio São Francisco por estes projetos de irrigação é extraordinária, o que, junto com o consumo humano e industrial, leva a dados, como a redução da vazão do rio em 40% em 40 anos.

Ao sair da Estação de Bombeamento, fomos visitar a fazenda de um produtor, que passou da condição de meeiro para proprietário de mais de 55 ha de terra. Ele possui uma parte de terra que é beneficiada duas vezes por semana pela irrigação da CODEVASF, através do sistema de sulcos e possui outra parte da fazenda funcionando no sistema de sequeiro. O pessoal da companhia considera que o dono das terras é um homem trabalhador e que conseguiu crescer na vida com trabalho árduo. Mas de fato, não era seu trabalho única e exclusivamente. Segundo o depoimento de sua sobrinha, foi por meio da exploração de sua família que ocorreu o crescimento de sua propriedade. Parentes que se deslocaram de condições piores para buscar uma melhor perspectiva de vida, mas que ainda assim são explorados pelo dono das terras que explora também seus 11 filhos.

Não foi visto nessa propriedade nenhum tipo de policultura de subsistência, já que é “mais vantajoso” comprar os alimentos de pequenos produtores e destinar sua produção para a exportação, principalmente manga e maracujá. É importante destacar que 95% de toda a manga produzida no Vale do São Francisco é destinada para o mercado externo

(predominantemente a manga tipo Tommy). As espécies de frutas são privilegiadamente de variedades exógenas em detrimento das espécies nacionais.

Terceiro dia

Neste dia, contamos com a contribuição da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que trouxe outra visão sobre todos os fatos vistos sob orientação da CODEVASF. Durante os nossos deslocamentos com Cícero Félix (representante da CPT), ele nos mostrou uma fazenda que pertencia ao colombiano Juan Carlos Abadia e havia sido utilizada nas operações ilegais do mesmo, como por exemplo, tráfico de drogas. É importante destacar, nesse caso, que esta propriedade também havia sido beneficiada por um dos projetos de irrigação da CODEVASF.

Ainda em companhia de Cícero, visitamos mais uma estação de bombeamento da CODEVASF e podemos perceber como os diversos projetos de irrigação desta companhia contribuem significativamente para a destruição do Rio São Francisco. Essa instituição governamental parece não conhecer o conceito de desenvolvimento sustentável que prega: que é necessário desenvolver-se não só economicamente, mas também sócio-ambientalmente.

Depois de conhecer a Estação de Bombeamento, nos dirigimos ao Instituto Regional de Pequenos Agricultores Apropriados (IRPAA), em que a idéia central é “viver no semi-árido é aprender a conviver com o clima”. Nesta ONG, são produzidos produtos orgânicos que não tem preço diferenciado, no mercado, por serem orgânicos (o que é comum se compararmos com os produtos com agrotóxicos). O IRPAA, além de trabalhar com a policultura, cria caprinos e conta com uma área total de 30 ha de terra. Ele surgiu nos anos 1990 como movimento social e conta com a colaboração da Embrapa, mas com bem menos recursos do que aqueles destinados ao agronegócio.

À tarde, visitamos a vinícola Garziera, localizada no município de Lagoa Grande – PE. Nesta vinícola, conhecemos como se dá a produção de vinho no Vale do São Francisco – único lugar do mundo a produzir mais de uma safra de uva em um ano (cerca de duas safras e meia por ano).

Neste local, foi observado como a chegada dos grandes produtores modificou a configuração espacial do Vale do São Francisco, pois a área ocupada pela vinícola era

antes dominada por pequenos produtores que cultivavam diversas culturas, sendo a principal delas a goiaba, que era vendida a uma fábrica de doces da região. Contudo, com a chegada da vinícola, os pequenos produtores, que não tiveram suas terras compradas, modificaram todo o seu sistema produtivo para implantar a produção de uva, o que levou ao fechamento da antiga fábrica de doces.

Quando questionada sobre a ligação da vinícola com o poder público local, a guia reagiu rindo da pergunta. Após o retorno a Salvador, procuramos investigar qual seria o motivo desta reação. O que nós podemos apurar é que o ex-prefeito que fora afastado do seu cargo e a atual prefeita do município de Lagoa Grande, onde a vinícola se localiza, são integrantes da família Garziera. Este fato nos atentou para a possível ligação entre os grandes produtores do Vale do São Francisco e o poder público.

Quarto dia

Antes de voltar a Salvador, foram feitas ainda duas visitas: a primeira ao mercado do produtor de Juazeiro, e a segunda, já no caminho para Salvador, ocorreu na plantação de banana do sítio Barreiras, no município de Ponto Novo - BA.

O Mercado do produtor de Juazeiro é o maior entreposto de hortifrutigranjeiros e também é o maior em movimentação financeira do Norte e Nordeste do Brasil. Tal entreposto só fecha duas vezes ao ano, comprovando assim, como o agronegócio movimenta grandes volumes financeiros e de produtos. Neste local, ainda é feito o transporte através de animais, carroças puxadas por burros. Mas, de acordo com um dos representantes do Mercado do Produtor, há uma política de retirada dos animais para uma melhor higiene do local e também para que os animais não sejam expostos a maus tratos e ao trabalho excessivo.

Neste entreposto, havia crianças trabalhando enchendo sacas de melão – elas afirmaram receber R\$ 0,10 por saca. O valor total da saca é de R\$0,50. Em uma saca, trabalham em média 3 crianças. A criança entrevistada afirmou que estudava e que trabalha por “amigagem” (sic) com os respectivos responsáveis pela produção de melão. É estarrecedor ver como as autoridades locais negligenciam a exploração do trabalho infantil no Mercado Produtor de Juazeiro.

Outro ponto observado foi que a comercialização de culturas orgânicas, as poucas existentes, são comercializadas fora do mercado produtor.

Após a visita ao Mercado do Produtor, conhecemos o “Sítio” Barreiras, que possui 295 ha de plantação e a meta é que, daqui a 5 anos, sejam 1000 ha plantados. Atualmente, a área total do sítio é de 968 ha no total. O cultivo da banana naquela área começou em 1996, mas a empresa tem suas origens no Ceará, onde o cultivo se dá há mais tempo, porém com uma extensão menor que na Bahia. A referida empresa tem como principal cliente a rede de supermercado Bompreço (que hoje pertence a gigante Wall Mart).

Em relação ao trabalho, nesta localidade existem cerca de 240 trabalhadores permanentes. O trabalho e o processo de produção são monitorados via internet, e as principais variedades produzidas no sítio são a banana prata e a banana d’água. A terra não pertence à empresa, mas foi concedida pelo governo por um período de 25 anos, renováveis por mais 25 anos. Os pequenos produtores tiveram 1000 ha que foram divididos em lotes de 5 ha, para as empresas foram destinados 200 ha para o plantio.

A adubagem do solo é feita de maneira “orgânica”, afirma o representante da empresa, através do esterco de galinha e da compostagem da banana. A água é utilizada através de micro aspersão e procede da barragem do rio Itapicuruauçu. Contudo, ocorre a utilização de agrotóxicos por meio de dispersão por avião.

A realidade rural é demasiadamente contraditória, haja vista que ao lado desta imensa plantação de banana encontra-se o acampamento do MPA que foi visitado no primeiro dia deste trabalho de campo. O governo promove o latifúndio através dos subsídios dados às grandes empresas, em detrimento daqueles que não tem terras de boa qualidade para o cultivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a forma como este trabalho de campo foi conduzido atendeu satisfatoriamente os objetivos planejados para o mesmo, possibilitando aos discentes da disciplina Geografia Humana II ampliar a sua visão geográfica e perceber como a área visitada é cheia de diversidades e contradições. Exemplos distintos foram apresentados neste relatório, onde podemos incluir a constante luta entre o pequeno e o grande

proprietário pela manutenção do seu modo de vida, ou ampliação deste; a degradação em um dos mais importantes rios brasileiros como o São Francisco ou mesmo a biodiversidade brasileira. São diferentes elementos que aparecem na paisagem, mas que somente podem ser compreendidos por meio de uma leitura e análise mais aprofundada, obtidas nesse caso, durante a disciplina e com o esforço de buscar compreender o espaço em sua totalidade, o que nos faz buscar ajuda nas diferentes áreas de estudo da Geografia e mesmo fora dela.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Alberto Passos. **A crise agrária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Sites acessados:

www.codevasf.gov.br/noticias/2006/estudantes-visitam-codevast-em-juazeiro

Acessado em 02 de dezembro de 2009.

www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-projetos/salitre

Acessado em 02 de dezembro de 2009.

www.asabrazil.org.br

Acessado em 15 de dezembro de 2009.

www.irpaa.org

Acessado em 20 de novembro de 2009.